

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS**

**MARIA KAHENA LOPES SOUSA**

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: UMA ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR  
UMA ALUNA COM SURDEZ**

**PICOS  
2016**

**MARIA KAHENA LOPES SOUSA**

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: UMA ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR  
UMA ALUNA COM SURDEZ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvideo Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Manchini de Campos

**PICOS  
2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**

**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725c** Sousa, Maria Kahena Lopes.

A construção de sentido: uma análise de textos produzidos por uma aluna com surdez / Maria Kahena Lopes Sousa. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. ( 49f.)

Monografia (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof. Dr. Thiago Manchini de Campos

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Linguagem-Conhecimento. 3. Linguagem-LIBRAS-Sentido. I. Título.

**CDD 401.4**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 10h30 horas do dia 08 de março do ano de dois mil e dezesseis, na sala 824, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - PI, sob a presidência do Prof. Dr. Thiago Marchini de Campos, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Mania Kakeia Lopes Sousa, do curso de Letras desta Universidade com o título, A construção de sentido: uma análise de textos produzidos por uma aluna com SIDA. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Dr. Thiago Marchini de Campos (orientador -presidente), Prof. Exp. Roberta Gomes de Araújo (1º examinador) e Prof. Luiz Brito (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 9,0 (EXTENSO); 9,0 (EXTENSO) e 9,0 (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 9,0 (EXTENSO). E para constar, eu, THIAGO CAMPOS, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 08 de março de 2016.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Thiago Campos  
Presidente

Roberta Gomes de Araújo  
1º examinador

Luiz Brito  
2º examinador

Dedico este trabalho especialmente para você, Pai. Meu grande herói, meu orgulho. Sei que apesar de não estar mais entre nós, permanecerá eternamente em nossos corações. Você está sempre presente em meus pensamentos e as recordações que ficaram representam força para continuarmos seguindo em frente, em busca dos nossos sonhos. Minha gratidão a ti nunca terá fim, obrigado por tudo o que fez pela nossa família e pelo lindo exemplo de vida que nos deixou. Tentarei honrar teu nome, os teus princípios e tudo o que o senhor me ensinou.

Eternas saudades Pai, Chagas!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar sempre guiando meus passos, mesmo quando me encontro sem um rumo, por segurar a minha mão e me dar forças para continuar nos momentos em que pensei em desistir dessa longa jornada, e por que creio que o senhor continuará me abençoando e possibilitando que acontecimentos maravilhosos ocorram em minha vida, inclusive quando menos espero.

A produção de um trabalho científico de conclusão de curso, assim como outros trabalhos dessa amplitude requer muito tempo e dedicação do autor, exigindo compreensão por parte das pessoas – familiares e amigos - que o rodeia, é necessário que o substituam na realização de tarefas do cotidiano e perdoem a ausência em momentos que se tinha o desejo de estar juntos.

Por isso, agradeço aos meus pais, pelo suporte que sempre me ofereceram a fim de me verem realizada profissionalmente e, acima de tudo, feliz. Pai (Francisco – “Chagas”), esse agradecimento vai em especial a você, sei o quanto queria estar aqui nesse momento e ver sua filha progredindo, mas sei que de onde estiver está torcendo por mim, sua felicidade neste momento deve estar imensa, aliás, o céu está em festa. Mãe (Clesia), mulher guerreira, que conseguiu com muita luta exercer o papel de mãe-pai ao mesmo tempo, você é minha rainha, muito obrigado.

Agradeço, ao meu orientador, o Professor Dr. Thiago Machini de Campos pela contribuição com o seu conhecimento, por ter abraçado a minha causa e me orientado com sabedoria e paciência para a construção deste trabalho.

Agradeço ao meu esposo Patrick Jefferson por sempre me apoiar e ser meu porto seguro. Agradeço também a minha irmã Kaylane, por ter nos presenteado com um lindo anjinho, minha sobrinha Isis Karolyne, que mesmo em meio a correria do dia a dia veio para preencher nossos corações de alegria e amor.

Aos meus avós maternos (Antônio e Iolanda) por sempre me apoiarem em minhas escolhas. Aos meus tios Homero, Sandra e Kelly por sempre confiarem em mim. A minha best friend Mariana Floracir, minha eterna Mary, amiga e irmã de coração, pelos conselhos, incentivos e por se fazer presente nas horas que mais precisei. Agradeço a minha turma de letras pela parceria e companheirismo. Estendem-se também a Unidade Escolar Coelho Rodrigues por abrir suas portas para mim.

## RESUMO

Este trabalho possui como temática a construção de sentido na escrita de um surdo, fundamentado em produções textuais de uma portadora da surdez, aluna da Unidade Escolar Coelho Rodrigues, em Picos-PI. Objetivou-se analisar se o fato dos textos escritos por surdos aparentemente não possuir coesão, dificulta ou os destitui de atribuição de sentidos. Observou-se ainda como as particularidades da escrita do surdo interferem na aquisição da língua portuguesa. O suporte teórico foi feito com base em autores como: Goldfeld (1997), Lima (2004), Brito (1986), Filipe (1989), Almeida (2007), Campos (2015), entre outros. Este estudo é exploratório de cunho qualitativo e se enquadra na pesquisa de campo baseada no estudo de caso, uma vez que avaliou uma aluna matriculada no 9º ano da referida escola. As ferramentas de coleta de dados foram à observação não participante, questionários abertos e semiabertos, fotografias e aplicação de produções textuais. Constatou-se que para compreender a construção de sentido na escrita do surdo é preciso ter conhecimento sobre o processo de aquisição de linguagem, a Interlíngua e a estrutura da Libras (Língua Brasileira de Sinais), caso contrário, é possível que ao olhar para seu texto o perceba apenas como um emaranhado de palavras. Concluiu-se que o surdo deve adquirir a Libras o mais cedo possível, a presença do intérprete dentro da sala de aula é primordial e o conhecimento por parte dos professores e das demais pessoas no ambiente escolar a respeito da surdez é essencial para facilitar o processo de aprendizagem e o convívio social.

**Palavras-chave:** Surdos. Linguagem. LIBRAS. Conhecimento. Sentido.

## ABSTRACT

This work has as its theme the construction of meaning in the writing of a deaf, based on textual production of a carrier of deafness, a student of School Unit Coelho Rodrigues, in Picos-PI. It aimed to examine whether the fact that the texts written by deaf apparently has no cohesion, hampers or dismiss assignment senses. It was also noted how the deaf writing characteristics interfere with the acquisition of the Portuguese language. The theoretical support was based on authors such as: Goldfeld (1997), Lima (2004), Brito (1986), Philip (1989), Almeida (2007), Campos (2015), among others. This is an exploratory study of qualitative nature and falls into the field research based on a case study, once evaluated a student enrolled in 9th grade of that school. The data collection tools were the non-participant observation, open and half-open questionnaires, photographs and applying textual productions. It was found that to understand the construction of meaning in deaf writing one must have knowledge of the language acquisition process, Interlingua and structure of Libras (Brazilian sign language), otherwise it is possible that by looking at your text realizes just like a word jumble. It was concluded that the deaf must acquire the pounds as soon as possible, the presence of the interpreter in the classroom is essential and knowledge on the part of teachers and others at school about the deafness is essential to facilitate the process learning and social interaction.

**Keywords:** Deaf. Language. LIBRAS. Knowledge. Sense.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Unidade Escolar Coelho Rodrigues.....	27
<b>Figura 02</b> – Antônio Coelho Rodrigues.....	27
<b>Figura 03</b> – Grupo Escolar Coelho Rodrigues.....	28

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Evolução histórica da educação dos surdos.....	14
2.2 Abordagens educacionais.....	19
2.2.1 Oralismo.....	19
2.2.2 Comunicação Total.....	19
2.2.3 Bilinguismo.....	20
2.3 A aquisição de Libras (L1) e Língua Portuguesa (L2) pelo surdo.....	23
<b>3 CAMINHOS METODOLOGICOS.....</b>	<b>27</b>
3.1 Caracterização da pesquisa.....	27
3.2 O campo de pesquisa: Unidade Escolar Coelho Rodrigues.....	28
3.3 Instrumento de coleta e tratamento de dados.....	29
<b>4 ANALISES DOS DADOS: A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA ESCRITA DOS SUSDOS.....</b>	<b>30</b>
4.1 Familiarização com o caso da aluna surda em análise.....	32
4.2 Conhecendo o professor de Língua Portuguesa da aluna em estudo.....	32
4.3 Análise da construção de sentido nas produções textuais de um surdo.....	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>APÊNDICES</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

A educação dos surdos vem ganhando espaço no debate voltado para a língua (gem). Neste contexto, esta discussão aborda a linguagem em seu modo de ação, sua estrutura de signos e sua filiação histórico-cultural que incide na língua desses indivíduos, a LIBRAS. Silva (2001) ressalta que a educação dos surdos é um fracasso devido à falta de inclusão de conhecimento de ouvintes sobre a surdez. Há três abordagens bastante difundidas e discutidas em relação à educação de pessoas portadoras da surdez que auxiliaram diretamente na realização deste estudo: oralismo, comunicação total e bilinguismo.

A fim de proporcionar uma compreensão a respeito destas três filosofias pode-se destacar que o Oralismo rejeita a língua de sinais e defende o ensino da língua oral como o melhor meio de educar o aluno com surdez. A Comunicação Total, por sua vez, acode a utilização de todas as formas de comunicação possíveis na educação dos surdos, inclusive a Língua de Sinais e o Oralismo, pois para ela deve se dedicar atenção especial à comunicação destes indivíduos e não apenas à língua, já o Bilinguismo, diz respeito às pessoas fazerem o uso de diferentes línguas (duas ou mais) em contextos sociais distintos. Estes conceitos serão trabalhados com maiores detalhes mais à frente.

Ao analisarmos a forma como se dá a educação de alunos surdos percebemos que muitas vezes são tratados de modo inferiorizado ou submetidos aos mesmos critérios avaliativos utilizados para discentes ouvintes. No primeiro caso, perde-se a oportunidade de alcançar o potencial máximo e no segundo, são avaliados a partir de um parâmetro inadequado, já que para o educando surdo são necessários outros critérios avaliativos.

Na busca de conhecer melhor a realidade vivenciada por discentes surdos da rede pública de ensino estadual de Picos-PI, no ano de 2015, desenvolvemos esta pesquisa almejando compreender a construção própria dos sentidos alcançada por estes discentes através de sua escrita, analisando como reagem diante da avaliação realizada pelos professores e dos critérios avaliativos a que são submetidos, investigando ainda o desenvolvimento do Bilinguismo desses alunos, no caso a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa. Para tanto, este trabalho tem como tema: “A construção de sentido: uma análise de textos produzidos por uma aluna com surdez”.

Para realizar este estudo priorizou-se solucionar duas indagações: O fato de um texto escrito por surdos aparentemente não possuir coesão, dificulta ou o destituiu de atribuição de sentidos? De que modo as particularidades da escrita de um aluno surdo interferem na sua relação com a utilização da língua portuguesa?

Na busca por respostas foram utilizadas algumas hipóteses norteadoras, as leituras sobre Bilinguismo, língua brasileira de sinais e a compreensão dos surdos ajudaram a salientá-las. Além disso, fez-se necessário um primeiro contato com alunos surdos e com professores desses sujeitos.

A partir de então surgiu a hipótese de que a diferença na construção de sentidos na escrita de alunos surdos, embora interfira na sua leitura, escrita e interpretação, não prejudica o entendimento da realidade, ou seja, ainda que na linguagem escrita falte coesão textual, isso não impede a construção do sentido ao escreverem e lerem seus textos.

Apesar da evolução no sentido de inserção das pessoas especiais na sociedade, as oportunidades de aprendizagem para elas ainda são muito desiguais em diversos sentidos, foi este pensamento que ajudou a despertar o interesse em analisar a realidade de adolescentes portadores de necessidades educacionais especiais auditiva no município de Picos-PI.

Embora haja uma série de ações públicas que tentam ser inclusivas, permitindo que indivíduos que possuem necessidades especiais possam ser incluídos nas atividades cotidianamente, tanto no mercado de trabalho como na vida dos ditos sujeitos “normais”, essa inclusão ainda não ocorre do modo como deveria, na medida em que não são proporcionados os recursos necessários para inserção desses indivíduos no mundo.

Mesmo que os sujeitos especiais não tenham tido a devida atenção pelo poder público, podemos testemunhar algumas ações que têm permitido uma melhoria no sistema de ensino voltado para eles, por exemplo, no caso dos deficientes visuais uma das ações que merece destaque é a inclusão de livros em braille nas escolas públicas. Contudo, refletindo acerca dos sujeitos especiais, este estudo volta-se para uma categoria específica, os deficientes auditivos, centrado em sua construção narrativa.

Segundo Karnopp (2010), o letramento dos surdos tem preocupado profissionais e pesquisadores que atuam na área da surdez, pois embora eles

consigam desenvolver habilidades de codificar e decodificar, a maioria ainda apresenta muitas dificuldades para atribuir sentido ao que lê. Sendo assim, nos propomos a tentar compreender de que modo eles conseguem produzir o significado em suas próprias narrativas, fazendo isso através de análises em torno de produções textuais escritas por uma adolescente surda do 9º ano, estudante da Unidade Escolar Coelho Rodrigues, situada no município de Picos-PI, averiguando seus limites e avanços na construção de sentidos em suas narrativas.

O interesse em torno do estudo do universo do ensino especial surgiu a partir de uma experiência de vida, vivenciada no ano de 2014. Ao substituir uma docente, na Unidade Escolar José Hermenegildo de Almondes, também no município de Picos, pude conhecer um aluno portador de necessidades educacionais especiais auditiva, tendo assim um contato com as particularidades que permeiam a escrita desses sujeitos e as peculiaridades no modo de construir sentido em suas leituras.

Ao realizar uma atividade de produção textual com o mesmo, percebi alguns traços peculiares no seu texto, como a falta de alguns conectivos na escrita, mas ao mesmo tempo como o aluno conseguiu a seu modo interpretar e realizar a atividade proposta. Este era o pontapé para despertar o olhar sobre a construção de sentido de alunos surdos.

Outro contato com o ensino especial ocorreu ao cursar a disciplina de LIBRAS, no curso de Licenciatura Plena em Letras – Português. Inicialmente o modo gestual despertou novos questionamentos, gerando interesse pelo bilinguismo e aflorando mais ainda o desejo de entender a realidade de alunos que possuem a condição da surdez, de compreender o modo como conseguem absorver aprendizagem e repassá-la para o papel.

No contexto da educação dos surdos a leitura e escrita têm sido alvos de estudo de muitos educadores, principalmente voltado para o ensino de Língua Portuguesa. Mesmo que o tema abordado já conte com uma vasta literatura a seu respeito, ainda se faz necessário uma ampliação desse estudo, pois esses sujeitos apresentam inúmeras particularidades que merecem maior cuidado, especialmente no que tange à forma como os mesmos são avaliados por professores, por outros alunos e pela sociedade, ou até mesmo por que, o conhecimento está sempre em contínua construção.

A relevância social desta produção se dá ao passo em que este trabalho busca uma melhor compreensão do modo de escrita e entendimento de alunos

surdos, na tentativa de entender as particularidades e dificuldades que fazem parte do universo dos sujeitos surdos. Paralelo a isso, apresentamos uma reflexão das falhas no processo educativo de alunos especiais e a dificuldade de inclusão desses sujeitos no meio educacional e social.

Além disso, irá contribuir para o estudo da educação especial, já que a língua dos surdos é uma complexa modalidade deste ensino que merece uma análise aprofundada. A inclusão dos surdos só será possível quando tais sujeitos forem compreendidos, bem como suas necessidades forem atendidas e a eles passem a serem oferecidas as condições adequadas para seu desenvolvimento. Para tanto, deveremos pensar numa educação inclusiva desde o ensino básico ao ensino superior, pois a educação é o principal meio de garantir a futura igualdade de oportunidade no ensino e no âmbito social.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

### **2. 1 Evolução histórica da educação dos surdos**

No âmbito brasileiro a Política Nacional de Educação Especial afirma que a deficiência auditiva pode ser conceituada como a “perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido” (BRASIL, 1994). Esta definição evidencia que a perda auditiva pode se dar em diferentes graus e que a surdez pode ocorrer em fases distintas do desenvolvimento humano, sendo que a pior decorrência disto é a impossibilidade total de ouvir a voz humana, ou seja, a fala.

Nesta produção iremos dedicar uma atenção especial à educação voltada para os surdos, a fim de compreender como se dá o processo de construção de linguagem destes indivíduos. Porém, antes de nos aprofundarmos nesta questão é importante analisarmos um pouco da história global e nacional em torno da surdez, pois a partir dela teremos conhecimento sobre as filosofias e métodos educacionais criados para os alunos com esta especialidade, dando suporte para a realização de uma análise em torno do tema.

Trazendo para o meio das relações sociais, primordialmente a surdez era vista de forma muito negativa pela sociedade, a qual sempre dava ênfase aos seus

piores aspectos. Goldfeld (1997) ao tratar deste assunto evidencia que durante a antiguidade a percepção em torno do surdo perpassou por diversas formas, às vezes eram vistos como seres que despertavam piedade e compaixão, em outro momento como pessoas castigadas pelos deuses ou enfeitiçadas, o que fez com que muitas delas tenham sido abandonadas ou sacrificadas.

Os gregos, por exemplo, tinham os surdos como animais, pois para eles o pensamento se dava mediante a fala, portanto os que nasciam surdos, por não “possuírem” linguagem, não eram capazes de raciocinar. Como reflexo deste pensamento os surdos da época ficaram às margens dos ensinamentos e conseqüentemente não tiveram a oportunidade de adquirir o conhecimento. A crença de que a pessoa com surdez era uma pessoa primitiva fez com que persistisse até o século quinze a ideia de que ela não poderia ser educada (GOLDFELD, 1997).

A luta pela educação dos surdos percorreu um longo caminho até chegar ao patamar que hoje se encontra, fundamentado nos estudos de Goldfeld (1997) é possível apresentar os principais acontecimentos deste processo. A educação dos surdos data seu início no século dezesseis, na Espanha, através do monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520 - 1584) por meio do uso da Língua de Sinais, do alfabeto manual (datilologia), escrita e oralização. Na busca de facilitar esta prática, o mesmo criou uma escola de professores de surdos. Reforçando sua contribuição para este marco, em 1620, Juan Martin Pablo Bonet publicou, neste mesmo país, um livro que tratava do alfabeto manual de Ponce de Leon.

Outro personagem importante desta trajetória surgiu, na França, em 1750, na figura do abade Charles Michel de L'Epée, que aprendeu com as pessoas surdas a língua de sinais e criou os "Sinais Metódicos", defendendo que a “mímica” constituiu a linguagem natural ou materna dos surdos. Outro fato que merece destaque é que L'Epée e seu seguidor Sicard defendiam que todas as pessoas com surdez, independentemente de seu nível social, deveriam ter direito à educação pública e gratuita.

Paralelo a isso, Samuel Heinic – na Alemanha – deu origem a outra filosofia educacional: o Oralismo, a qual rejeitava à língua de sinais e defendia o ensino da língua oral como o melhor meio de educar o aluno com surdez, chegando até mesmo a fundar a primeira escola pública para crianças com surdez baseada nesta prática educacional.

A partir de então essas duas filosofias, uso de Língua de Sinais e o Oralismo, foram se aprimorando. Nos Estados Unidos a primeira escola permanente para alunos com surdez foi fundada em 1817, fruto de uma parceria entre Thomas Hopkins Gallaudet e Laurent Clerc, que se utilizava da comunicação de sinal francesa, com uma adaptação para o inglês.

Este era só o pontapé inicial para que a causa ganhasse visibilidade no país, a partir de 1821, as escolas públicas americanas em sua totalidade começaram a andar na direção da ASL (Língua de Sinais Americana), mais à frente, em 1864 foi a vez do ensino superior se adequar à nova realidade, com o surgimento da Universidade Gallaudet, a primeira universidade nacional para surdos.

Apesar de toda esta aceitação pela língua de sinais Goldfeld (1997) afirma que a partir de 1860 a metodologia oral ganha força surgindo uma rivalidade entre os métodos, tanto é que em 1980, no Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, houve a votação para decidir qual destes dois métodos deveria ser utilizado na educação dos surdos.

Nesta disputa o Oralismo saiu com a vitória e predominou até a década de sessenta quando a língua de sinais ganhou um novo defensor, William Stokoe. Depois que foi publicado seu artigo demonstrando que a Língua de Sinais constituía-se em uma língua com as mesmas características das línguas orais, o movimento ganhou outros adeptos.

Conforme Lacerda (1998) a prática do oralismo deixou evidências de que a maioria das pessoas com surdez profunda, que foram ensinadas por este método, não conseguiram desenvolver uma fala socialmente satisfatória, causando um retrocesso global, principalmente nos quesitos aprendizagem, leitura e escrita.

No percurso desta caminhada ocorreu em 1968, o advento de outra filosofia: a Comunicação Total, esta metodologia por sua vez defende a utilização de todas as formas de comunicação possíveis na educação dos surdos, inclusive a Língua de Sinais e o Oralismo, dando ênfase à comunicação destes indivíduos e não apenas à língua.

Estes movimentos em defesa da Língua de Sinais foram se ampliando de modo que a partir da década de setenta constatou-se que a utilização desta língua deveria ser feita independentemente da língua oral. Essa aceitação da Língua de Sinais deu origem a outra filosofia: a Bilíngue, que começou a se disseminar pelo mundo a partir da década de oitenta.

Até aqui foi feito um apanhado sobre a história geral da educação dos surdos, o que já nos possibilita entender um pouco mais da realidade destes indivíduos, porém para realizar este estudo é preciso trazer a discussão para um espaço mais próximo, por isso será apresentado agora como os surdos eram tratados no Brasil e como sua educação foi implantada, bem como, as proporções que ela está tomando ao longo do tempo.

A educação das pessoas surdas no Brasil tem suas raízes no período imperial quando Ernest Huet portador desta mesma necessidade especial veio ao país com o apoio de D. Pedro II, ao chegar implantou um programa que consistia em usar o alfabeto manual e a Língua de Sinais, oriundos da França. Como fruto desta parceria entre rei e professor foi fundada, em 1856, a primeira escola especial no Rio de Janeiro, atualmente conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Apesar de ter sido fundada sob o viés da língua de sinais, de acordo com Goldfeld (1997), o INES seguiu a mesma tendência mundial, embora tenha havido uma forte resistência por parte dos alunos, em 1911, ela passou a assumir a abordagem oralista, mesmo assim a língua de sinais ainda era usada nos pátios e corredores da escola.

Para Dias (2006) até meados do século XVI os surdos eram vistos como ineducáveis e conseqüentemente tidos como inúteis para a sociedade. No Brasil o surgimento do INES fez com que aos poucos os estudiosos e a sociedade passassem a olhar o surdo por outro ângulo, acreditando na sua capacidade de adquirir conhecimentos, então os movimentos em defesa dos direitos da pessoa com surdez começaram a se formar e a ganhar força.

Como fruto desses movimentos, temos: a Associação Brasileira dos Surdos-mudos (ABSM) – 1913; Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA) – 1977; Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos – 1983; Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) – 1987; Reconhecimento da Libras como língua oficial das comunidades surdas do Brasil – 2002; Curso Superior de Letras-Libras Bacharelado e Licenciatura presencial UFSC-2010; Regulamentação da profissão do Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

As metodologias de educação das pessoas com surdez no Brasil seguiram a mesma tendência mundial, ou seja, surgiu com a língua de sinais, passou pelo

oralismo, no fim da década de setenta foi a vez da comunicação total e na década seguinte começa o Bilinguismo.

Percebe-se que as dificuldades hoje enfrentadas no processo educacional dos surdos não são um problema atual e sim o reflexo de algo que vem evoluindo ao longo dos tempos, pois inicialmente estes indivíduos não tinham direito nem mesmo a ter acesso à educação, isso pode ser constatado na fala de Sá (2003, p. 91):

Em todas as partes do Brasil e do mundo os surdos têm sido condenados a um analfabetismo funcional, têm sido impedidos de alcançarem o ensino superior, têm sido alvo de uma educação meramente profissional (treinados para o “mercado de trabalho”), têm sido mantidos desinformados, enfim, têm sido impedidos de exercer sua cidadania. Esta situação resulta de múltiplas questões, sendo uma delas, certamente, o processo pedagógico a que foram/são submetidos (SÁ, 2003, p.91).

Tal afirmação evidencia falhas nas filosofias utilizadas nesta educação, por isso faz se necessário aprofundar mais em cada uma delas para que possamos entendê-las e criar uma visão crítica em torno deste assunto, sendo assim o próximo capítulo vai se debruçar sobre o estudo do Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo.

## **2.2 Abordagens educacionais**

Após ter traçado um breve histórico do surgimento e evolução da educação dos surdos, faz-se necessário pincelar alguns pontos em torno das abordagens do oralismo, da comunicação total e do bilingüismo, como apontar suas principais características, defensores e críticos.

Para Lima (2004, p. 28), “Ao se fazer uma espécie de recapitulação acerca da educação dos surdos, constatam-se duas fases distintas que podem ser traçadas e uma terceira fase, a contemporânea, que se encontra em processo de construção.”. Ao falar das duas fases já traçadas a autora se refere ao Oralismo e à Comunicação Total, já a terceira fase, ainda em construção, diz respeito ao Bilinguismo.

Outro posicionamento de Lima (2004) que vai ajudar na compreensão deste trabalho é o fato da mesma defender que embora se fale de três abordagens distintas na história da educação dos surdos, na verdade essa divisão é apenas didática, pois estas abordagens sempre estiveram (estão) ocorrendo

simultaneamente, embora em espaços distintos. Para melhor compreensão do assunto, as três vertentes: oralismo, comunicação total e bilingüismo, serão expostas separadamente.

### **2.2.1 Oralismo**

A primeira fase da educação dos surdos é denominada oralismo, a qual tem como objetivo fazer com que o surdo assimile a linguagem oral, atualmente ela ainda se faz presente em muitos ambientes escolares a nível mundial.

Os defensores desta filosofia desde o século XVIII propagam o oralismo e rejeitam veemente a língua de sinais, isso por que acreditam que a oralidade é o melhor caminho tanto para educação quanto para integração social dos indivíduos portadores da surdez, sendo assim veem a gestualização como um empecilho para a aquisição da língua oral por parte do surdo(SÁ, 1999).

De acordo com a linha de pensamento de Lima (2004, p. 30) “O oralismo concebe a surdez como um déficit que deve ser minorado por meio da estimulação dos resquícios auditivos”, ou seja, é preciso que o surdo se adapte ao mundo do ouvinte. Neste ponto, é notável uma imposição de uma maioria sobre a minoria, ao passo que estas pessoas devem se comportar como se não fossem surdas, passando a rejeitar a surdez e a falar.

A ideia de imposição já foi apontada anteriormente por Sánchez (1990), a qual expôs que o oralismo pode ser considerado como a imposição social da maioria linguística, no caso os falantes das línguas orais, sobre uma minoria linguística e sem expressão perante a comunidade ouvinte, os surdos. Diante do exposto, Lima (2004, p. 30) conclui que o oralismo preconiza a “reabilitação do surdo em direção a ‘não surdez’ e aos padrões de normalidade preconizados pela sociedade industrial contemporânea em que ele vive”.

### **2.2.2 Comunicação Total**

Os conflitos ocorridos em torno da educação dos surdos iniciados na década de 1960, somado às insatisfações com a metodologia oralista foram o ápice para dar origem à formulação de novas propostas pedagógico-educacionais, dentre as filosofias que foram aflorando a que mais ganhou destaque foi a comunicação total.

Enquanto o oralismo defendia o uso apenas da língua oral como meio de educar os surdos, a comunicação total, como afirma Stewart *apud* Lima (2004, p. 31) adota "(...) a prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer input linguístico para estudantes surdos, a fim de que possam se expressar nas modalidades preferidas", percebe-se que há uma preocupação maior com a comunicação do indivíduo, sem se prender a forma correta para que ele a expresse.

Para Poker (2002, p. 6) a comunicação total:

Define-se como uma filosofia que requer a incorporação de modelos auditivos, manuais e orais para assegurar a comunicação eficaz entre as pessoas com surdez. Tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes (POKER, 2002, p. 6).

Percebe-se que a comunicação total acredita que apenas o aprendizado da língua oral não é suficiente para o pleno desenvolvimento do portador de surdez, e ao mesmo tempo vê na utilização de diversos recursos linguísticos a opção para preencher as lacunas deixadas pelo oralismo, tudo isso deixa claro que a preocupação maior é com a comunicação e a interação entre as pessoas, expandido o foco para além da língua.

O principal ponto que difere os defensores da comunicação total dos oralistas é a forma de conceber o surdo, enquanto o oralismo o define como portador de uma patologia de ordem médica e buscam dizimá-la, estes por sua vez encaram a surdez apenas como um traço que interfere nas relações sociais, bem como no desenvolvimento afetivo e cognitivo desses sujeitos (CICCONE, 1996).

Nota-se que para os defensores da Comunicação Total não interessa o recurso a ser utilizado, o importante é que haja a comunicação, porém assim como o oralismo, esta filosofia também sofre críticas. Neste sentido Lima (2004, p.33) expõe que "a comunicação total, apesar de congrega uma miscelânea de artefatos linguísticos e pedagógicos, não conseguiu minimizar as dificuldades escolares apresentadas pelo surdo em sala de aula." Sendo assim, os alunos continuaram com déficit na leitura, na escrita, na compreensão e absorção do conhecimento.

### **2.2.3 Bilinguismo**

Diante do exposto até aqui é perceptível que nenhuma das filosofias apontadas foi capaz de sanar os problemas que permeiam a educação dos surdos, isso faz com que estudiosos continuem a discutir esta área e oferecer sugestões para tal questão, atualmente, a proposta mais refletida é o bilinguismo.

Para alguns estudiosos esta nova vertente pretende modificar a escolarização para os surdos, mas ao mesmo tempo ir de encontro às práticas pedagógicas do oralismo e comunicação total, sendo tida como a "salvadora da pátria", ou seja, a solução para as dificuldades escolares vivenciadas pelos alunos surdos (LIMA, 2004). Quadros (2012, p. 189) ao tratar deste assunto traz a seguinte afirmação:

Bilinguismo, então, entre tantas possíveis definições, pode ser considerado: o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Lima (2004), no Brasil, Brito (1986) foi pioneira em defender o bilinguismo como a proposta educacional mais apropriada para a educação de surdos, ao apontar o bilinguismo como a única solução para o surdo brasileiro.

Se tratando da educação bilíngue para os surdos Brito (1989) defende que devido à falta de audição destes sujeitos é necessária uma educação especial, com um tipo de bilinguismo específico, o qual ele chama de diglósico, que consiste no uso separado de duas línguas, mesmo que de modalidade diferente, cada uma em situações distintas.

Sendo assim, a língua dos sinais será empregada nas escolas nas situações em que permita o uso da língua materna, com exceção em relação à escrita e à leitura, onde ela vai servir apenas como meio e não como objetivo. Enquanto a língua oral será tida como uma segunda língua, bem como de veículo de informação da tradição escrita.

Felipe (1989) traz opiniões que vão de encontro ao posicionamento de Brito (1986), em seus estudos, além de reforçar a importância do bilinguismo, defende que os surdos passem a ser vistos não apenas como deficientes auditivos, mas como indivíduos que, devido a esta peculiaridade, passam a desenvolver a língua gestual-visual (LSCB-Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros) atualmente conhecida como LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira), para proporcionar a

comunicação entre eles e ao entrar em contato com o ambiente escolar adquirem a língua na modalidade oral-auditiva – no caso do Brasil: o Português.

Para Goldfeld (1997) a filosofia bilíngue pode ser entendida sob duas vertentes. A primeira delas defende a obtenção da língua de sinais, bem como da língua oficial de seu país na modalidade oral e escrita. Já a segunda aponta que só é necessário adquirir tanto a língua de sinais quanto a língua oficial do país na modalidade escrita.

Ao analisar o surdo no âmbito social, Almeida (2007), defende a importância da aquisição da língua de sinais antes de adquirir a língua dos ouvintes, mas acredita que a aquisição da língua oral, mesmo que seja na modalidade escrita, é imprescindível no que tange ao desenvolvimento do surdo como indivíduo e cidadão.

Ainda no campo social, para Ferreira (1995) o fato da língua oral também ser indispensável aos surdos para possibilitar o acompanhamento da informação escrita e de trânsito nos diversos compartimentos da sociedade, torna o bilinguismo a abordagem educacional mais adequada para os surdos.

Grandes defensores da filosofia bilíngue como Brito (1989) e Filipe (1989) tecem suas argumentações com base em duas ideias: da aquisição e do uso de duas línguas, Brito (1989) expõe que a língua de sinais deve ser tida como a primeira língua adquirida pelos surdos, a qual vai lhe ajudar a sair do seu silêncio e a socializar-se, o deixando preparado em todos os níveis (psicológico, cognitivo, social e linguístico) para o processo de aprendizagem da sua segunda língua, a oral.

Lacerda (2000, p. 73) traz o seguinte posicionamento a respeito deste assunto:

Ao sinalizar, a criança desenvolve sua capacidade e sua competência linguística, numa língua que lhe servirá depois para aprender a língua falada, do grupo majoritário, como segunda, torna-se bilíngue, numa modalidade de bilinguismo sucessivo (LACERDA, 2000, p. 73).

Apesar da aceitação considerável da metodologia bilíngue, assim como as anteriores ela apresenta lacunas, instigando o surgimento de novos questionamentos, autores como Lima (2004) e Skliar (2001), apresentam algumas críticas a esta filosofia. Alegam, por exemplo, que a discussão em torno desta metodologia deveria ser feita sob uma luz mais social, abordando de forma mais ampla a questão educacional no Brasil.

### **2.3 A aquisição de Libras (L1) e Língua Portuguesa (L2) pelo surdo**

Ao analisar o processo de aquisição da Libras e da Língua Portuguesa é importante ressaltar que partiremos do ponto de vista de Brito (1989) o qual defende que a língua de sinais deve ser tida como a primeira língua (L1) adquirida pelos surdos, o tirando do silêncio, facilitando sua socialização e o preparando para a aprendizagem da sua segunda língua (L2), nesse caso o português, por meio da leitura e da escrita.

Trazendo esta discussão para o campo da prática, problematizaremos a forma como o surdo adquire em seu cotidiano tanto sua L1 quanto sua L2, Almeida (2007) ao tratar do processo de aquisição do sistema verbal do português escrito pelos surdos considera que ao chegarem à escola percebe-se um grande déficit no uso da Libras demonstrando que o ambiente familiar não o proporciona vivências que o ajude a aprender sua língua materna, conseqüentemente, seguindo o pensamento de Brito (1989) a aprendizagem da língua portuguesa (L2) já esta comprometida, ou seja, será mais difícil de compreende-la e absorve-la.

Brochado (2003) ao se dedicar ao processo de aquisição de linguagens se utiliza de uma revisão teórica, com a finalidade de fazer uma discussão a respeito da perspectiva do bilinguismo. Antes de se voltar apenas para a realidade dos surdos faz um apanhado geral de todas as teorias a respeito da aquisição de uma segunda língua, seja para os portadores da surdez, no caso a língua portuguesa, ou para falantes que passam por o processo de aprendizagem de uma língua distinta da materna.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Brochado (2003) considera-se que o aprendiz de uma L2 parte de um estado monolíngue em busca de atingir o estágio bilíngue, causando curiosidade nos especialistas na área de linguística e psicologia que se perguntam como os dois sistemas linguísticos se relacionam dentro da cabeça do ser humano. Essa situação fica mais complexa ao se pensar em pessoas com surdez adquirindo a língua portuguesa, pois sua língua materna e a língua alvo são de modalidades distintas (espaço-visual e oral-auditiva).

Segundo Almeida (2007) a falha apresentada no uso da Libras por alunos surdos vêm desde o convívio com a família, a qual muitas vezes não os auxilia no processo de aquisição de sua L1, destacando que muitas delas não veem a Libras com bons olhos, acreditando que a oralização é o único meio de “esconder a

deficiência”, deixando assim para a escola a responsabilidade de proporcionar um ambiente adequado para a aquisição da língua materna. Porém, as escolas ainda não estão preparadas para esta complexa missão, muitos são os pontos que levam a esta conclusão, como por exemplo, os apresentados a seguir:

Dentre eles citamos: 1) Professores não preparados para ensinar a língua de sinais, fornecendo um *input* em um ambiente formal, menos adequado para a aquisição natural de língua por crianças; 2) A não cooperação dos familiares para que a aprendizagem seja estendida além das fronteiras da escola; 3) Os primeiros contatos com a língua materna se dão em uma idade mais avançada; 4) A preocupação dos docentes em ensinar conteúdos exigidos pelo componente curricular de ouvintes e 5) O uso de metodologia e material didáticos inadequados para os surdos (ALMEIDA, p. 13, 2007).

Todos os fatores citados por Almeida (2007) trazem à tona a realidade enfrentada pela educação dos surdos, por isso se faz interessante trazer aqui as ideias de Brochado (2003) com sua discussão das teorias do ensino aprendizagem, tendo em vista que seu objetivo é entender as condições que devem ser criadas na sala de aula para favorecer o desenvolvimento da linguagem.

Para tanto Brochado (2003) a luz de Ellis (1990) faz um revisão geral em torno das seguintes teorias de aquisição de uma L2: O Modelo de Acluturação; O Modelo de Nativização; A Teoria do Discurso; O Modelo do Monitor; O Modelo de Competência Variável; A Hipótese Universal; e A Teoria Neurofuncional.

Mesmo não expondo detalhadamente cada uma delas é interessante trazer uma síntese das mesmas. O Modelo de acluturação diz respeito ao processo de adaptação a uma nova cultura. O Modelo de Nativização se dá após a acluturação onde o indivíduo passa por dois momentos: o aprendiz baseado no que sabe cria hipóteses sobre a nova realidade e posteriormente, acomoda a informação recebida. A Teoria do discurso defende as estratégias conversacionais como a melhor metodologia para aquisição de uma segunda língua.

O Modelo Monitor, por sua vez, é baseado em cinco hipóteses: aquisição e aprendizagem, ordem natural, monitor, input e filtro afetivo. O Modelo de Competência Variável acredita que o modo de aprendizagem de uma língua é o reflexo da forma como ela é utilizada. A Hipótese Universal adota a influência da L1 na aprendizagem da L2, considerando o conhecimento linguístico como homogêneo. E por fim a Teoria Neurofuncional a qual acredita na existência de uma conexão

entre a função da língua e a anatomia neural. Ao fazer toda esta abordagem, Brochado (2003, p. 68) concluiu que:

[...] não existe uma teoria que seja completamente satisfatória, que possa explicar todos os fenômenos e as características dos processos, em seus aspectos universais e particulares, que sirva para explicar o domínio da fonologia, da morfologia, da sintaxe, do léxico ou da pragmática da língua alvo. E que atenda também aos diversos fatores que influem na classe e em toda situação de ensino-aprendizagem, como o professor, o aluno, o contexto, a programação, entre muitos outros.

Mesmo sabendo que nenhuma teoria é completa para esclarecer a complexidade da aquisição de uma L2, este trabalho adota a filosofia da Teoria da Interlíngua, apresentada por Selinker (1972), a qual é definida por Brochado (2003, p. 56) como:

[...] a língua de transição do aluno entre a língua nativa (LN) e a língua-alvo (LAL) em determinada altura de aprendizagem. [...] Interlíngua se refere ao sistema diferente de uma segunda língua do aprendiz, um sistema que tem a posição estruturalmente intermediária entre as línguas nativa e língua alvo. (BROCHADO, 2003, p. 56)

Durante o processo de aquisição de uma segunda língua o aprendiz passa por um procedimento de construção e reconstrução dos sistemas da língua a ser adquirida para poder chegar a estrutura gramatical da língua-alvo, conferindo a aquisição de língua a característica de um processo gradual e sem um tempo determinado para acontecer. Nesse sentido, Almeida (2007, p. 33) apresenta a seguinte análise sobre este assunto:

A aquisição de uma nova língua é realizada por uma sucessão de estágios de aprendizagem em que os aprendizes constroem mentalmente sistemas de regras gramaticais, transitórias, que se desenvolvem gradualmente em direção ao sistema linguístico da língua-alvo. Esses sistemas caracterizam diferentes interlínguas no processo de aquisição. Os estudos de interlínguas se originam dos estudos voltados para análises de erros dos aprendizes de segunda língua em ensino formal. (ALMEIDA, 2007, p. 33).

O foco na análise dos erros para identificar as interlínguas se dá justamente por estes erros fazerem parte do processo de aquisição, então é avaliando o processo de aprendizagem que as interlínguas serão evidenciadas. Os surdos, objeto de estudo deste trabalho, passam por esse processo em busca da aquisição

de sua segunda língua, Almeida (2007, p. 76) faz uma produção descrevendo alguns aspectos das interlínguas que os surdos percorrem no seu processo de aquisição do português, em seu estudo ela cita diversos casos, como por exemplo, as marcações das formas verbais em textos pequenos, mostrada através de uma frase de um sujeito surdo, na qual se verifica a falta de paralelismo no uso das flexões verbais na escrita, veja:

*(38) O menino namorado junto sonha macaco viu meu deu leva uma banana  
deu banana macaco come banana menina ficou briva senpra come benena  
árvore. (Nn: 4:2)*

Os estudos desenvolvidos neste sentido contribuem para que surjam modelos de ensino e aprendizagem mais eficientes, dentro deste campo de investigação Campos (2015) apresenta uma reflexão a respeito da concepção de linguagem subjacente aos processos de escolarização e letramento de surdos, para tanto ele reserva à linguagem um papel constitutivo, central e presente no desenvolvimento do sujeito.

Para justificar seu posicionamento Campos (2015) trabalha diretamente com o conceito de enunciado mostrando que o mesmo não é uma questão puramente linguística, ou seja, a concepção de linguagem existente na escola interdita as questões relacionadas aos contextos históricos, sociais e culturais que incidem no ensino da língua portuguesa para surdos e no trabalho com esta.

Ao analisar produções textuais de discentes portadores da surdez ficou explícito que a forma de interpretar e produzir os textos destes indivíduos esta permeada por aspectos advindos do contexto social em que se encontram inseridos e por suas peculiaridades. No entanto, as escolas comumente cometem o equívoco de utilizar os mesmos padrões de avaliação para surdos e falantes, bem como para portadores de outras patologias. De acordo com Campos (2015, p.178) neste processo:

Não se considera que a Língua Portuguesa é uma L2 e que o surdo, assim como qualquer aprendiz de língua estrangeira, passa por um processo de interlíngua, somado a isto o fato de que essa aprendizagem se dá, nos estágios iniciais, via suporte visual.

Percebe-se a importância de considerar os fatores externos, de observar a situação histórica, social, cultural e as condições que envolvem o aluno com surdez

na hora de fazer sua avaliação, isso é permeado pela concepção de língua, pois a forma com que a escola a concebe interfere diretamente nos processos de escolarização e letramento dos surdos.

### **3 CAMINHOS METODOLOGICOS**

#### **3.1 Caracterização da pesquisa**

Este estudo se encaixa no campo da pesquisa exploratória, pois seu desenvolvimento foi pautado na busca de conhecer melhor o objeto em análise (o surdo) para poder construir hipóteses e oferecer possíveis soluções para esta problematização, neste sentido Gil (2002), afirma que este tipo de pesquisa possibilita uma maior familiaridade com o problema, podendo envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado e geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

O primeiro passo para construção deste trabalho foi à pesquisa bibliográfica, pois antes de produzir algo é necessário buscar informações na literatura, tanto para servir de embasamento teórico quanto para perceber as lacunas existentes, se tratando da pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2002) ela deve ser desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Esta produção será feita com base na análise de uma aluna com quadro de surdez profunda, que será identificada com a sigla G.M.F., a qual tem 20 anos de idade, filha de pais ouvintes, matriculada na Unidade Escolar Coelho Rodrigues, local onde foi feita a coleta de dados. Em relação ao estudo de caso para Araújo *et al.* (2008) este método trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

Para Gil (2010) o estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. O fato dos dados que orientaram o estudo terem sido colhidos na escola em que o aluna surda em análise estuda, possibilita defini-la como uma

pesquisa de campo, pois ocorreu um contato direto com a vivência do cotidiano do indivíduo em análise, indo de encontro ao conceito do estudo de campo que é caracterizado “pela coleta de dados no ambiente real no qual a situação ou o problema ocorre” (MICHEL, 2005, p. 36).

Vale ressaltar ainda que este é um estudo de cunho qualitativo, pois traz uma interpretação de um fato social por meio de experimentações e argumentações, o conceito oferecido por Michel (2005) confirma este pensamento, segundo o qual esta metodologia defende que a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, mas convence por meio da experimentação empírica e da argumentação lógica das ideias, pois a interpretação dos fatos sociais não pode ficar reduzida a quantificações frias e descontextualizadas da realidade.

### **3.2 O campo de pesquisa: Unidade Escolar Coelho Rodrigues**

A coleta de dados, feita por meio da pesquisa de campo, ocorreu na Unidade Escolar Coelho Rodrigues (Figura 01), uma instituição da rede pública estadual de ensino, localizada na Rua Monsenhor Hipólito, s/n, centro de Picos-PI, a 310 Km da capital do estado, Teresina. A escolha se deu por esta ser a escola mais antiga de Picos e ter práticas de ensino voltadas para a educação especial, inclusive a aluna alvo desta pesquisa está matriculada nesta instituição, sendo assim possível averiguar os objetivos deste estudo.

Ao fazer um levantamento histórico em torno desta unidade de ensino, com base em dados levantados por alunos desta mesma instituição em um trabalho apresentado em uma gincana escolar, no ano de 2013, detectou-se que ela atua no cenário picoense a mais de meio século, desde 1928, ou seja, a 87 anos, durante essa caminhada vem contribuindo com a formação dos picoenses em diversos aspectos, como: o exercício da cidadania, preparação para atuar no mercado de trabalho, avanço do conhecimento científico e incentivo para ingressar em diversas áreas do ensino superior.

Atualmente são ofertados os seguintes níveis da Educação Básica: Ensino Fundamental (semi-integral e supletivo), Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) noturno. Sua infraestrutura (dependências) conta com salas

de aula, laboratório de informática, biblioteca, diretoria, secretaria, sala de professores, pátio com palco coberto, e sala de rádio.

Possui 16 computadores para uso dos alunos e oferece internet, além disso, é equipada com aparelhos eletrônicos, como: TV, DVD, copiadora, retroprojeter, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (datashow) e câmera fotográfica/filmadora. Conta ainda com atividades complementares para proporcionar um reforço à educação dos discentes voltadas para o letramento e alfabetização, reforço de matemática, danças, leitura e teatro, artes marciais, futebol e futsal.

Quanto ao incentivo do Atendimento Educacional Especializado (AEE) são ofertados cursos nas seguintes temáticas: língua escrita para alunos com deficiências, uso da informática acessível, comunicação alternativa e aumentativa, autonomia na escola, desenvolvimento e processos mentais, e capacitação em orientação e mobilidade.

### **3.3 Instrumento de coleta e tratamento de dados**

Os dados para nortear o estudo foram adquiridos com o auxílio de algumas ferramentas de coleta, a primeira delas foi à observação não participante, na qual o observador toma contato com o grupo (indivíduo) estudado, mas sem integrar se a ele, ou seja, presencia o fato, mas não participa dele (MICHEL, 2005, p. 40), dessa forma possibilitou presenciar o processo de ensino-aprendizagem oferecido pela escola.

Em paralelo, foi feito o uso de outros instrumentos: questionários abertos e semiabertos, fotografias e aplicação de produções textuais. O questionário, utilizado para coleta de informações, serviu para sondar dados que ajudaram a estabelecer o perfil do surdo e dos educadores que estão mais próximos dele na hora das produções textuais, sendo eles o professor de português e a intérprete para os quais os questionários foram aplicados.

Buscamos entender como os professores dos alunos surdos os avaliam diariamente em sua modalidade escrita, observando se os mesmos os aferem de forma igual aos alunos ouvintes ou se existe uma preocupação em analisar de modo especial a sua escrita, tendo em vista que estes alunos possuem a modalidade escrita mediada pela língua portuguesa, sua segunda língua.

Na visão de Lakatos (2003) o questionário consiste em um todo organizado de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador, exigindo menor custo e proporcionando economia de tempo. Quanto à modalidade dos questionários elas são definidas em razão da natureza de suas perguntas, houve aqui o uso de dois tipos: o aberto, elaborado apenas com perguntas abertas (também conhecidas como “subjetivas”) e o semiaberto, que apresenta um misto de questões abertas e fechadas.

Partindo dessas concepções pretendemos perceber a construção de sentidos dos textos produzidos por alunos surdos, para tanto foi escolhida uma aluna da Unidade Escolar Coelho Rodrigues, a pesquisa se restringiu apenas a este ambiente de atuação, pois não dispunha de muito tempo e também encontrou dificuldades para agir em outras instituições. Neste processo a aluna foi submetida a cinco produções textuais: três tirinhas e duas redações.

Após a coleta foi feita a apresentação dos dados e as análises a seu respeito, expostas no próximo capítulo, bem como as considerações finais em torno do assunto estudado, presentes no final desta produção.

## **4 ANALISES DOS DADOS: A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA ESCRITA DOS SUSDOS**

### **4.1 Familiarização com o caso da aluna surda em análise**

Através do questionário aplicado a intérprete que atua na U. E. Coelho Rodrigues, foi possível conhecer um pouco do perfil do sujeito objeto deste estudo, é uma aluna que esta matriculada no 9º ano do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino de Picos-PI, na época da coleta G.M.F. tinha 20 anos de idade. Sua surdez vem desde o nascimento e se enquadra no grau profundo, para Russo *et al.* (2009) a classificação do grau de surdez deve ser feita levando em conta o parâmetro adaptado da publicação da British Society of Audiology<sup>1</sup>, ou seja, leve (25 a 40 dB NA), moderada (41 a 70 dB NA); severa (71 a 95 dB NA) e profunda (>95 dB NA), sendo assim, o indivíduo alvo deste estudo se encaixa no último caso.

---

No que tange a vivência familiar, ao constatar a surdez houve um sentimento misto de surpresa e dúvidas de como agir na situação em que se encontravam, com o passar dos anos e com a convivência contínua foram sendo criados mecanismos (sinais caseiros) para superar as divergências na comunicação, atualmente percebe-se que a aluna se sente a vontade nas relações com seus familiares.

Por outro lado, nota-se que a discente não teve, no ambiente familiar, o contato com sua primeira língua, no caso a Libras, ficando para a escola a função de ensinar tanto a primeira língua (Libras-L1) quanto à segunda (Português-L2), foi apontado ainda que a mesma ingressou no ensino regular no ano de 2012 e só adquiriu o domínio da Libras com o auxílio da intérprete, que passou a atuar nesta escola a partir de 2013.

A demora no contato com a L1 somado a alfabetização tardia confere maiores dificuldades ao processo de aprendizagem destes indivíduos, por isso é relevante ressaltar a importância da inserção dos alunos com surdez na idade certa na escola, ou seja, desde criança.

Uma das dificuldades encontradas se manifesta na hora de acompanhar de forma plena os conteúdos repassados em sala de aula, pois antes da intérprete chegar à escola o grau de compreensão e absorção do conhecimento da aluna era bem menor, com a presença deste profissional houve uma facilitação no processo educacional mais não foi possível suprir a perda dos anos anteriores.

Além disso, a participante desta pesquisa não é oralizada, nem se utiliza da leitura labial, embora não consiga entender o texto falado consegue compreender o texto escrito, facilitando assim sua assimilação de informações. Outro ponto que merece destaque é a forma de avaliação a qual a aluna com surdez é submetida, segundo a intérprete e o professor de português, é a mesma aplicada aos demais alunos.

Apesar de saber ler, ainda há uma dificuldade em compreender o que se pede nas questões, para suprir esta necessidade a intérprete entra em cena, fazendo a leitura das indagações e explicando para a mesma na linguagem da Libras, talvez a dificuldade na compreensão dos textos em português se dê por conta da diferença entre a gramática da Libras (sua L1) e a do português (sua L2), esta questão será abordada com mais profundidade nas análises das produções textuais.

Por meio da observação verificou-se que apesar da surdez a aluna consegue se comunicar com seus colegas de classe e colaboradores da escola, mesmo ela não tendo domínio da fala, nem os ouvintes tendo o domínio da Libras, é feita a adaptação da língua de sinais (sinais caseiros) de forma que fique compreensível tanto para surdos quanto para ouvintes, da mesma forma que ocorre a comunicação no ambiente familiar, ainda no enfoque das relações interpessoais, na escola é perceptível que ela se sente acolhida e respeitada por todos.

Diante disto, foi constatado que apesar dos esforços dos profissionais envolvidos na formação desta discente ela ainda não conseguiu alcançar completamente o bilinguismo, o qual é o objetivo educacional da escola, ou seja, ela ainda não consegue usar sua primeira língua e a segunda de forma separada conforme cada contexto exige, desse modo perpassa por várias interlínguas, como será demonstrado ao fazer as análises das produções textuais.

Vale ressaltar a influência positiva do intérprete no processo de aprendizagem do surdo, ao passo que ele estreita a relação entre o universo do surdo e do ouvinte, construindo caminhos para que este sujeito adquira sua L2, bem como a L1 já que a tarefa de ensinar a Libras ainda é repassada para a escola, portanto o auxílio deste profissional se torna imprescindível na sala de aula, até mesmo porque muitas vezes nem o professor de português tem conhecimento da Libras.

#### **4.2 Conhecendo o professor de Língua Portuguesa da aluna em estudo**

Para compreender o processo de aprendizagem do sujeito alvo desta pesquisa é necessário conhecer um pouco do perfil de um profissional fundamental no ensino deste indivíduo: o professor de português. A U.E Coelho Rodrigues conta com um colaborador do sexo masculino nesta função, com idade na faixa etária entre 31 e 40 anos de idade, sua formação profissional contempla apenas o Ensino Superior Completo.

Ao ser indagado a respeito do seu conhecimento em torno da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), embora tenha afirmado ter interesse em compreender esta área, informou também que não possui nenhum embasamento sobre a mesma, percebe-se que é uma vontade sem atitude, pois não há ação alguma por parte dele em busca de sair do campo do desconhecimento.

Outro ponto interessante foi salientado ao verificar como o professor percebe sua conversação com a aluna, neste sentido foi apontado que a maior dificuldade é o fato de não haver uma comunicação plena entre ele e a discente, dando a entender que embora haja a comunicação por meio de alguns sinais caseiros e com a ajuda da intérprete, ainda não é o suficiente para garantir a efetividade deste processo.

Se aprofundando mais na análise da sua compreensão em relação a LIBRAS o docente se diz incapaz de reconhecer se quer algum sinal desta língua, isso deve ser visto como um empecilho para a formação do aluno com esta especialidade, evidenciando como a falta de conhecimento da primeira língua dos portadores de surdez por parte de seus educadores interfere negativamente no ensino/aprendizagem destes indivíduos.

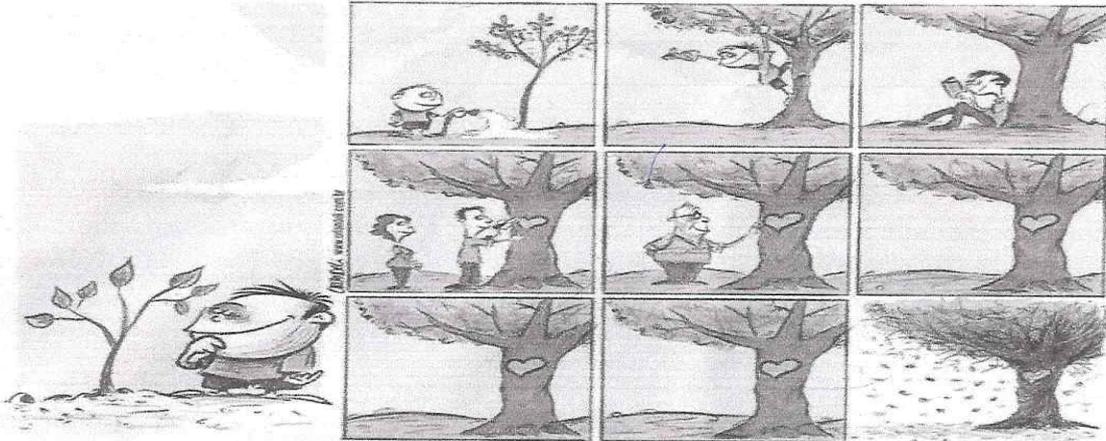
Neste breve levantamento de dados foi possível verificar algumas das dificuldades enfrentadas pelo surdo na aquisição de sua segunda língua (Português), neste caso específico a principal delas é a instituição não possuir professores com conhecimento da LIBRAS, ou seja, não estão preparados para lidar com este público. Ao mesmo tempo foi confirmada a importância da presença do intérprete na sala de aula.

#### **4.3 Análise da construção de sentido nas produções textuais de um surdo**

A primeira tira a ser analisada é composta de nove quadros, retratando por meio de figuras a relação entre o homem e a árvore, demonstrando que há uma relação afetiva entre os dois, o homem acompanha toda a vida da árvore e vice versa. Ao solicitar à aluna que produza um texto retratando do que se trata a tirinha, G.M.F. descreveu da seguinte maneira:

## SOBRE O QUE SE TRATA A TIRINHA?

(SIC) - Orlandelli



- 1- Menino água terra pequeno árvore
- 2- Menino brincadeira árvore
- 3- Menino jovem anos 15 estudar livro ler árvore
- 4- Namorada apaixonada árvore coração desenho lindo
- 5- Corpo velho anos 70 árvore
- 6- Sumida sozinho árvore mesmo
- 7- Árvore fim.

De antemão o texto está escrito na estrutura sintática da Libras, evidenciado pela falta dos artigos e pronomes nas frases, característica presente nesta língua de natureza visual-espacial-gestual, onde tais partículas são substituídas pelo ato de apontar por meio do olhar e de expressões corporais, por outro lado esta escrito com palavras da língua portuguesa, sendo assim, apresenta a estrutura da Libras, porém com o léxico da língua portuguesa.

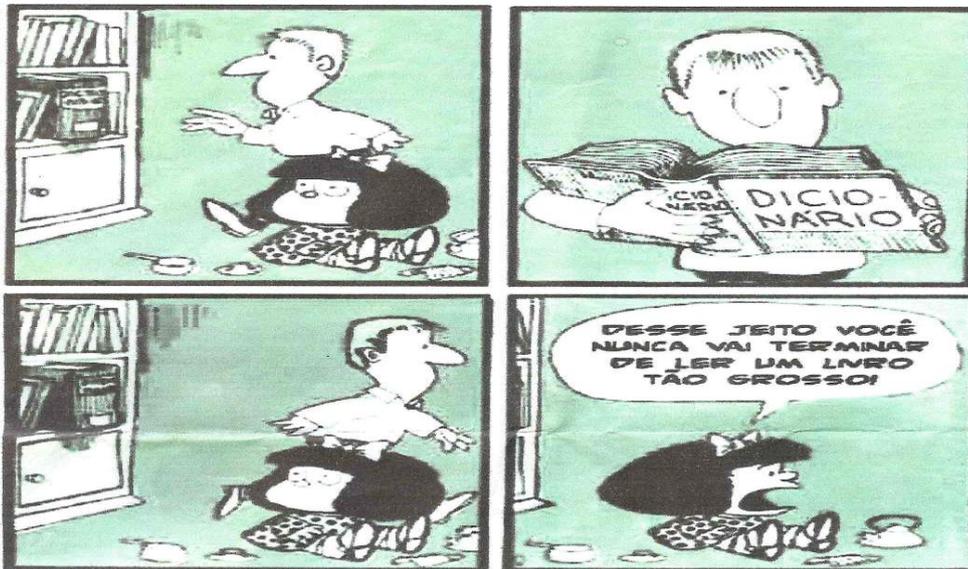
Campos (2015, p. 164) ao fazer uma discussão sobre a estrutura e organização sintática da Libras afirma que “A Libras, bem como as demais línguas naturais, possui uma estrutura gramatical composta pelos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.[...] As relações sintáticas da Libras são expressas, necessariamente, em locais estabelecidos do campo espacial, de maneira a produzir sentido”, é exatamente o que se verifica na produção textual da aluna surda em estudo neste trabalho.

O pensamento apresentado por Quadro e Karnopp (2004) ajuda a compreender a indissociabilidade entre os componentes sintático e semântico da

escrita do surdo, ao expor alguns mecanismos espaciais específicos utilizados na Libras, como: localização do sinal (o sinal perto de um lugar específico do corpo); direção do olhar e/ou do corpo (muito usado para substantivação); apontação ostensiva (pronominalização) e uso de verbo direcional (concordância).

Outro aspecto que merece ser observado é o fato dela apenas descrever o que viu nas imagens, inclusive enumerando os fatos para identificar a qual quadro a frase se refere, deixando em dúvida se houve a compreensão da história por traz das figuras, ou seja, apenas expôs os acontecimentos de forma separada e não como algo contínuo, portanto não é possível afirmar se ela entendeu ou não a moral da história.

A mesma coisa acontece em relação à segunda tirinha, composta por quatro quadros, a qual traz uma piada em que o homem consulta o significado de uma palavra no dicionário e sai rapidamente, a menina que observa essa ação, por não saber a finalidade daquele livro tão grosso, exclama que desse jeito (chegando e saindo tão rápido) ele nunca vai terminar de ler aquele livro. Ao pedir que G.M.F. conte a história da tirinha ela repete a mesma estrutura que usou para falar da anterior:



1º - Menina brincadeira vê chegou pai bíblica livro

2º - Ele ler livro Dicionário normal

3º - Ele ler livro rápido bíblica deixe sair

4º - Menina fala desse jeito você nunca vai terminar de ler um livro tão grosso

Neste caso ela até faz o uso de alguns pronomes como *ele* e *você*, porém o *você*, já estava presente na frase da tira, ela apenas o reproduziu, apesar desta particularidade é perceptível que o texto não está escrito na estrutura do Português e sim da Libras, como aconteceu na primeira tira.

A interlíngua também se faz presente nas produções textuais do sujeito em análise, pois é notável que ela ainda não consegue dissociar completamente sua primeira língua da segunda, portanto esta em processo de aprendizagem, uma vez que a “Interlíngua se refere ao sistema diferente de uma segunda língua do aprendiz, um sistema que tem a posição estruturalmente intermediária entre as línguas nativa e língua alvo” (BROCHADO, 2003, p. 56).

A partir da terceira produção textual a forma da escrita começa a demonstrar que ela compreendeu o contexto da história ilustrada, no caso da terceira tira que contém quatro quadros e trata de um casal de namorados, embora a enumeração das frases e a estrutura da Libras prevaleçam, a uma mudança no conteúdo, talvez ela se sinta mais familiarizada com a cena. Ao narrar à história da tira três, ela demonstrou uma ligação entre os fatos, conferindo um início, meio e fim a esta ilustração.



- 1º - Dois namordo apaixonado paquerar meigo carinhoso vergonha dois apaixonado
- 2º - Menina chegou casa sala assistir tv calma normal ela está feliz muito namordo no agora tão lindo...sonhei mesmo
- 3º - Tão apaixonado

4º - Ela caminhar lugar passear normal ela assustar meu Deus vê chegou ele  
fala flor eu comida amor sempre presente te Amo ela emocionada obrigado  
medo eu vontade nós junto continua

Fim...

Outra ferramenta de coleta utilizada foi às redações, na primeira foi pedido que a aluna falasse um pouco do que ela gosta de fazer por meio de uma redação, veja a seguir um trecho do texto produzido por G.M.F.:

**Eu gostei muito família ou amigos nós juntos passear rua lugar maravilhoso  
lindo ótima minha família também irmãs nós juntos sorriso feliz.**

A partir deste trecho percebe-se que ela continua descrevendo, fala do que gosta de fazer, como por exemplo, passear pela rua com a família e os amigos, ao ler o texto, aparentemente é apenas um monte de palavras jogadas, porém o que acontece é que esta escrito na estrutura sintática da Libras, ou seja, se ela fosse falar isso tudo por meio da sinalização, qualquer usuário da libras entenderia perfeitamente.

Apesar da ordem gramatical do português não se fazer presente, o foco neste trabalho é perceber a construção do sentido e ao ler este texto é possível perceber que ela compreendeu a proposta que foi repassada e partir desse entendimento escreveu um texto com sentido, embora as palavras não sigam as regras estabelecidas pela língua portuguesa é compreensível o conteúdo que ela quis repassar.

A aparente desorganização do texto (do ponto de vista de um leitor falante do português) é uma questão notável nesta produção e que merece ser discutida. Porém, Campos (2015) defende que a leitura de um enunciado deste tipo merece um olhar diferente, “considerando o contexto e as condições de produção – quem o produziu, para quem, ocupando que lugar social, etc.”, pois só assim se consegue perceber que a coesão e coerência estão presentes nos elementos textuais.

O sentido do enunciado é gerado através da coesão e coerência, onde segundo Fávero (1983) a coesão se manifesta no nível micro textual se referindo as formas que os componentes do universo textual, ou seja, as palavras que ouvimos ou vemos, se interligam dentro de uma sequência. Já a coerência, na sua grande maioria é manifestada macro textualmente e esta voltada para a análise da forma

em que as partes do universo textual, representadas pelos conceitos e pelas relações subjacentes ao texto, se conectam de maneira reciprocamente acessível e relevante.

Fundamentado nos conceitos de coesão e coerência de Fávero (2007) e no modo de avaliação sugerida por Campos (2015) pode se afirmar que a sequência produzida pela discente alvo desta pesquisa consiste em um texto e não apenas um emaranhado sem sentido, ao passo que é possível acompanhar o desenrolar da sua linha de raciocínio, isto é, ela entendeu a proposta repassada e escreveu com base no que lhe foi solicitado.

A presença do sentido na escrita da aluna fica ainda mais clara na última atividade proposta, uma redação falando sobre “A seca no Brasil”, novamente ela segue a estrutura da Libras na hora de escrever, porém um detalhe chama muito a atenção a presença de uma progressão dos acontecimentos em diferentes espaços, a seguir temos alguns trechos da produção de G.M.F.:

**Aqui Brasil água diminuir. Chuva pouca também. Poluição muitas poluir.**

**[...]**

**Família interior pobreza plantar não consegue. Fome, magro sofrer também doente difícil.**

**[...]**

**Mesmo Brasil água diminuir difícil problema pessoas tristeza vontade chuva mais nunca demora paciências precisa futuro chuva.**

Vê-se que ela começou a apresentar o tema “A seca no Brasil” de modo macro, abordando os principais fatores que causam este problema a nível nacional, como: pouca chuva e poluição, o que se assemelha a introdução de uma dissertação, mais a frente em outro momento traz o problema para a uma discussão a nível micro abordando a realidade local ao falar dos impactos da seca no interior, que são fatos mais próximos dela.

Ao concluir, retorna a discussão para o âmbito nacional, a trajetória percorrida para abordar o tema evidencia um texto com sentido, pois é feita a introdução do assunto, o tema é retratado no contexto local e para concluir há uma expansão da discussão para o nível de Brasil.

É notável que ela se expressou melhor nas redações, a hipótese levantada a respeito disso é que nas tirinhas ela se prendeu muito a descrever as imagens, o que demonstra a influência da Libras que se utiliza da linguagem espaço-visual, demonstrando que a sua comunicação ainda está presa ao visual, isso fez com que ela descrevesse cada quadrinho individualmente e não como composição do todo de uma história, enquanto nas redações ela usou da imaginação e da exposição do seu ponto de vista.

O fato de sua interpretação ainda está muito preso ao visual, a limita a descrever o que ela vê em cada quadrinho de modo particular, enquanto ao receber apenas um tema para discutir se sente mais livre para explorar suas ideias, mesmo utilizando em sua escrita a estrutura da Libras, é notável que suas interpretações e produções textuais são dotadas de sentido.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta produção se utilizou do suporte teórico para apresentar o contexto da educação dos surdos ao longo do tempo, tanto a nível mundial quanto nacional, possibilitando a compreensão da realidade que os surdos vivem na atualidade. Por meio da análise de produções textuais de uma aluna com surdez foi possível detectar particularidades que devem ser consideradas ao verificar a construção de sentido em seus textos.

A estrutura textual utilizada pela aluna surda em estudo aos olhos de um leitor ouvinte e sem informações a respeito da linguagem dos surdos, aparentemente não possui coesão e se parece mais com um emaranhado de palavras, é nesse ponto que se faz importante ter conhecimento a respeito do processo de construção da linguagem do surdo.

Fundamentado no que foi apresentado neste trabalho, percebe-se que a aparente desorganização nos textos da aluna surda, não o destitui de sentido, acontece que ela escreve com as palavras do Português, mas seguindo ainda a estrutura da Libras, evidenciando que ela está utilizando a Interlíngua no seu processo de aquisição da segunda língua.

Nota-se a relevância dos professores de Português possuir um conhecimento mínimo em torno da primeira língua do surdo, a LIBRAS, o que não acontece no

caso aqui analisado, inclusive o próprio professor afirma que este fato gera dificuldades na comunicação e compreensão no processo educacional dos portadores da surdez.

O contato do surdo com sua primeira língua deve ocorrer o mais cedo possível antes mesmo de sua inserção na escola, pois o ajudará a se socializar e se preparar para adquirir sua segunda língua, no caso do Brasil o Português. Neste sentido o papel principal é dos pais, de perceber a surdez não como uma doença, mas como uma particularidade que exige cuidados especiais e a partir de então buscar conhecimento para lidar com a situação.

Dentro do ambiente escolar, percebe-se a carência de conhecimento sobre a história dos surdos, todos deveriam não ser especialistas sobre o assunto, mas ter um prévio conhecimento a respeito, principalmente os professores, pois isso facilita o ensino e até mesmo o convívio nesse ambiente. Por outro lado, ficou claro a importância do papel do interprete dentro da sala de aula, demonstrada na evolução registrada pela aluna com surdez em estudo.

Com este estudo se espera dar uma contribuição para o processo educativo do surdo, buscou-se conhecer a história, a vivencia atual e a partir delas foram apontados alguns aspectos que podem contribuir para melhorar esse campo do ensino. Este trabalho não é de cunho conclusivo a respeito deste tema, mas pretende despertar não só os indivíduos ligados ao universo da Letras, mas a sociedade de modo em geral para que busque conhecer o surdo e conseqüentemente venha a melhorar a interação com o mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A. de. **Aquisição do sistema verbal do português-por-escrito pelos surdos**. Programa de Pós – graduação Linguística – PPGL, Universidade de Brasília-UnB: Brasília, 2007.
- ARAÚJO, C. *et al.* **Estudo de Caso. Métodos de Investigação em Educação**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em <[http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo\\_caso.pdf](http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf)>. Acesso em: 02 de dez. 2015.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial: livro 1/MEC/SEESP**. Brasília: a Secretaria, 1994.
- BRITO, L.F. Integração social do surdo. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, nº 7, 1986.
- \_\_\_\_\_. Bilingüismo e surdez. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, (14), p.89- 100, 1989.
- BROCHADO, S.M.D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2003.
- CAMPOS, T. M. **Concepção de linguagem subjacente aos processos de escolarização e letramento de surdos**. Revista (Con) Textos linguísticos [recurso eletrônico] Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 9, n. 12, 2015.
- CICCONE, M. Comunicação total. 2.ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.
- DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental**. 2006. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.
- ELLIS, R. Interlanguage and the natural route of development. Theories of second language acquisition. In: BROCHADO, S.M.D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2003.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textual**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1983.
- FELIPE, T.A. Bilingüismo e surdez. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, (14), p.101-112, 1989.
- FERREIRA, B. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.
- KARNOPP, L. B. *and* PEREIRA, M. C. C. **Concepções de leitura e de escrita na educação de surdos**. In: LODI, A. C. B. ; HARRISON, K. M. P. *and* CAMPOS, S. R. L.

(Orgs.). **Leitura e escrita: no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 33-38.

LACERDA, C.B.F.de. **A prática fonoaudiologia frente às diferentes concepções de linguagem**. Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo, v.10, p. 30-40, 1998.

LACERDA, C.B.F.de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais. In: **Cadernos Cedex**, nº 50, p. 70-83, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, M. S. C. **Surdez, Bilinguismo e Inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

POKER, Rosimar Bortolini. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez**. Unesp - Universidade Estadual Paulista, 2002. Tese de doutorado. UNESP – Marília, 2002.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilinguismo na educação de surdos In: Surdez e bilinguismo**. 1ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p.26-36.

QUADROS, R. M. de. KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, U.E. C. [Internet]. Picos - PI, Brasil: U. E. Coelho Rodrigues; 2013 dezembro 02 [citado em 2015 dezembro 04]. Disponível em: <<http://uecoelhorodrigues.blogspot.com/2013/12/proemi-gincana-2013-do-turno-da-noturno.html>>. Acesso em: 04 de dez. 2015.

RUSSO, I. C. P. *et al.* **Encaminhamentos sobre a classificação do grau de perda auditiva em nossa realidade**. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* [online]. 2009, vol.14, n.2, pp. 287-288. ISSN 1982-0232.

SÁ, N. R. L. de. **Convite a uma revisão da pedagogia para minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos**. Revista Espaço, Rio de Janeiro, n. 18/19, p. 87-92, 2003.

SÁ, N. R. L. **Educação de surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói/RJ: EDUFF, 1999.

SÁNCHEZ, C. *La increíble y triste historia de lasordera*. Mérida: Ceprosord, 1990.

SILVA, M. P. M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.

SKLIAR, C.B. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. In: Silva, S. & Vizim, M. (Orgs.). **Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas/SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, p.85-110, 2001. (Coleção Leituras no Brasil).

STEWART, D.A. Pesquisa sobre o uso de sinais na educação de crianças surdas. In: LIMA, M. S. C. **Surdez, Bilinguismo e Inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito**. Tese

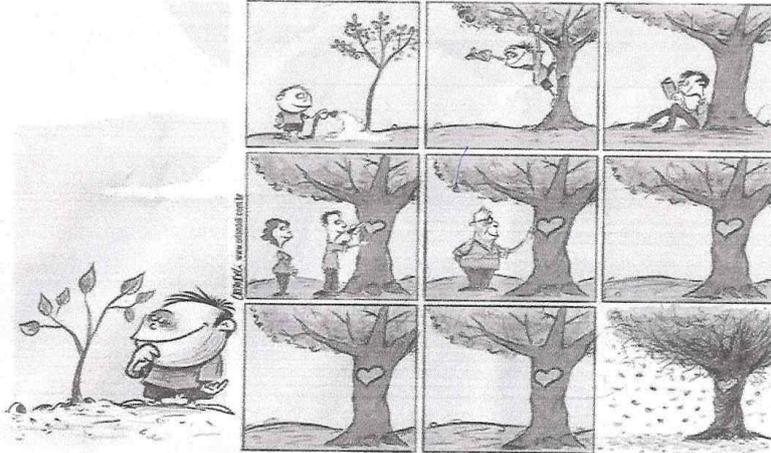
(Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

## **ANEXOS**

Atividade 01

**SOBRE O QUE SE TRATA A TIRINHA?**

(SIC) - Oriandeli



- 1- menino água toma pequeno árvore
- 2- menino brincadeira árvore
- 3- menino sortem anos 15 estudar livro ler árvore
- 4- namorada apaixonada árvore casarão desenho lindo
- 5- corpo velho anos 70 árvore
- 6- sumida sozinho árvore mesmo
- 7- árvore Fim

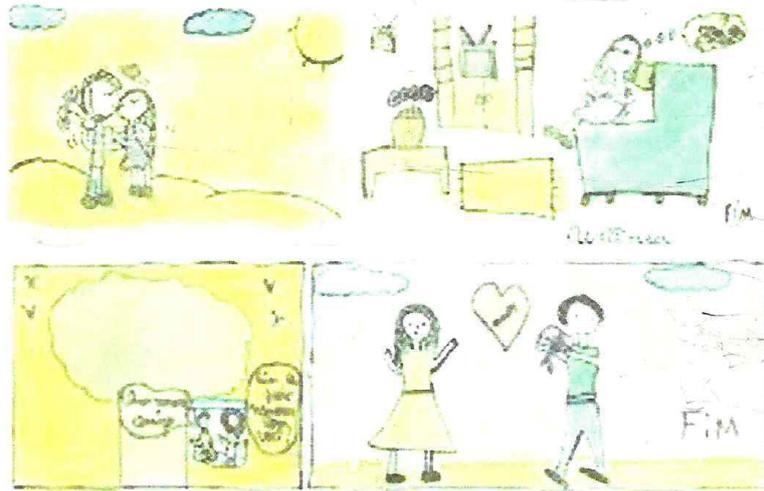
Atividade 02



1º menina brincadeira vê chegou pra biblioteca livro  
2º ele um livro dicionário normal  
3º ele um livro grosso da biblioteca disse para  
menina assustada corrido ao banheiro  
4º menina fala disse livro não nunca vai  
terminar de ler um livro tão grosso.

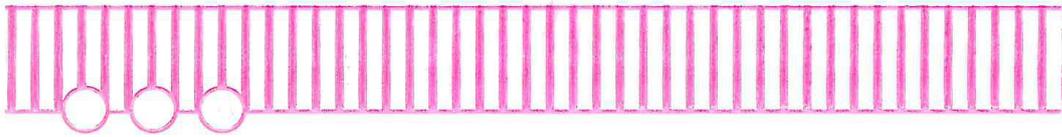
Atividade 03

Descreva a imagem



1º Dois namorado apaixonado por quem  
meio carinho e carinho dois apaixonado  
2º menina chegou nessa sala assistente TV  
Alma nascer de lá está lá? muito amado  
3º como quem são lindo? senão mesmo  
4º são apaixonado  
5º ela começou lugar paixão normal  
da paixão meu Deus não chegou de lá  
for eu comido amor sempre presente de amor  
na amargura amado tudo eu Norte de  
nos juntos continua  
Fim...

Atividade 04



Queria que você falasse um



pequeno gesto de fazer  
aqui numa folha!

Eu gostei muito família ou amigos nós  
juntos passear no lugar maravilhoso lindo  
ótimo minha família também irmãos brincam  
nós juntos sorrimos feliz sempre. aconteceu  
briga difícil problema eu percebi  
~~depois~~ depois me desculpa pessoas,  
Amigos, Família tudo bem paz amor  
nos ajudar juntos passar coisa boa  
também obrigado ~~depois~~ muita Deus te  
abençoar sua paz

Está ótimo.

gostei de você,  
você é linda.

© Challenge. Todos os direitos reservados.



FAÇA UMA REDAÇÃO SOBRE  
A SECA NO BRASIL

Aqui Brasil água dimin-  
-uiu. Chuvia pouca também polu-  
-ição muitas poluição. família  
interior problemas plantar não  
consegue. fome, mágoa sofrer  
também doente difícil  
muitas vezes, mais o mais.  
família triste miserável  
problemas também interior usar  
linda não aqui tão quente calor  
suam sofrer Chuvia nunca vai  
mesmo Brasil água diminuir difícil  
problemas pessoas muito Nordeste Chuvia  
mas nunca demora paciência precisa  
futuro Chuvia sim ou não futuro  
desafio Chuvia consegue Chuvia ou  
não consegue sim não não ~~estava~~  
estava mesmo futuro

## **APÊNDICES**

## QUESTIONÁRIO APLICADO A UM MEMBRO DA ESCOLA (INTERPRETE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos –PI.



Prezado (a)

Este questionário pretende coletar informações para um Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus de Picos- PI. O tema desse trabalho é **“Analisar a construção de sentido através de textos produzidos por alunos surdos”**. Gostaríamos de contar com sua contribuição para prestar as informações solicitadas, pois será de fundamental importância para a realização desse estudo, o mesmo será utilizado para fins científicos, garantindo o completo sigilo de suas informações.

- 1) Qual a origem e o grau de surdez do aluno pesquisado?
- 2) Como a família acolhe o fato de ter um membro surdo?
- 3) Desde quando ele frequenta o ensino regular?
- 4) Quando o discente chegou a escola já possuía o domínio da Libras (Lingua Portuguesa de Sinais)?
- 5) Ele pode ser considerado oralizado?
- 6) Depois de quanto tempo frequentando a sala de aula ele adquiriu o status de oralizado?
- 7) Com quantos anos ele foi alfabetizado?
- 8) O aluno em estudo faz leitura labial?
- 9) Quais as maiores dificuldades do aluno surdo na escola?
- 10) O discente surdo participa do mesmo processo de avaliação que o aluno ouvinte realiza?

## QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR (A)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**  
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos –PI.



Prezado (a) Professor (a) da Disciplina de Português

Este questionário pretende coletar informações para um Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus de Picos- PI. O tema desse trabalho é **“Analisar a construção de sentido através de textos produzidos por alunos surdos”**. Gostaríamos de contar com sua contribuição para prestar as informações solicitadas, pois será de fundamental importância para a realização desse estudo, o mesmo será utilizado para fins científicos, garantindo o completo sigilo de suas informações.

1 - Sexo

Masculino

Feminino

2 - Idade

entre 20 e 30 anos

entre 31 e 40 anos

entre 41 e 50 anos

acima de 51 anos

3 - Grau de instrução:

Superior Incompleto       Superior Completo

Especialização. Qual? \_\_\_\_\_  Outros. Quais? \_\_\_\_\_

4 - Você possui conhecimentos a respeito da Libras (Lingua Portuguesa de Sinais)?

Sim       Não

5 - Você tem domínio na comunicação através da Libras?

Sim       Não

6- Você tem interesse pela teoria e pratica da Libras?

Sim       Não

6 - Você compreende pelo menos alguns sinais em Libras?

Sim       Não

7 – Qual sua maior dificuldade para trabalhar com um discente portador de surdez?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8 – Tanto ao aluno surdo quanto ao ouvinte é aplicada a mesma atividade avaliativa?

\_\_\_\_\_



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese
- ( ) Dissertação
- ( x ) Monografia
- ( ) Artigo

Eu, **Maria Kahena Lopes Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação *A Construção de Sentido: Uma Análise de Textos Produzidos por uma Aluna com Surdez de minha autoria*, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de setembro de 2016.

Maria Kahena Lopes Sousa  
Assinatura

Maria Kahena Lopes Sousa  
Assinatura